

# De soldado a ditador

Histeria, medialidade e hipnose  
em *A Testemunha Ocular*, de Ernst Weiß

ULRICH JOHANNES BEIL\*

*Os psicopatas estão por todo o lado.  
Em momentos de tranquilidade avaliamo-los;  
em momentos quentes são eles que nos dominam.*

Ernst Kretschmer<sup>1</sup>

## I

Em 1924, um antigo soldado, preso por tentativa de golpe de estado, escreve um livro em que, entre outras coisas, conta como no final da guerra, em outubro de 1918, se viu envolvido num ataque com granadas de gás mostarda que lhe fez perder a visão e como depois foi internado num hospital militar em Pasewalk, na Pomerânia. Após a derrota, e com a república já proclamada, escreve:

E por fim – nos últimos dias do terrível combate – fui atacado pelo gás insidioso que me devorava os olhos e quando, dominado pelo medo de ficar cego para sempre, desanimei por momentos, a voz da consciência soou tonitruante na minha cabeça: miserável desgraçado, choras quando outros estão muito pior do que tu. E foi então que assumi, mudo e quedo, o meu destino.<sup>2</sup>

Como facilmente se adivinha, o autor destas linhas é Adolf Hitler. Também a cena principal do romance *Der Augenzeuge* [A Testemunha Ocular], de

---

\* Professor e Investigador sénior na Universidade de Zurique.

Ernst Weiß, se passa num hospital militar. A localidade em que decorre a ação não se chama Pasewalk mas P.; o paciente em tratamento por cegueira não se chama Adolf Hitler mas A.H. Porém, os dois assemelham-se de forma surpreendente: A.H. é também cabo, justamente do «Regimento List da Baviera», a que pertencera o futuro ditador<sup>3</sup>. Tal como o autor de *Mein Kampf*, A.H. não bebe nem fuma, não consegue dormir, odeia Judeus, prega «sermões sem fim» (141) aos outros pacientes, é visto como um notório «agitador», «instigador» e «quereloso» (140). A proximidade deste relato ficcional a um texto historiográfico segue um método que se anuncia desde logo no título, *Der Augenzeuge* [A Testemunha Ocular], e que dá imediatamente tom ao conteúdo e à estrutura do texto<sup>4</sup>. Basta olharmos para o contexto cultural para se tornar evidente que aquilo que se designava «testemunho ocular» e que, no século XVIII e no início do século XIX, servia naturalmente como prova de autenticidade entrou em crise com o advento da psicologia moderna, tendo voltado gradualmente a ser objeto de atenção durante a Primeira Guerra<sup>5</sup>. O recurso a este conceito evoca diversas associações, fazendo eco não apenas de *topoi* seculares do âmbito jurídico, historiográfico e da história da literatura – *quae enim videntur, sine mendacio profertur*, escreve já Isidoro de Sevilha<sup>6</sup> –, como também da grande tradição bíblica do testemunho ocular: *vide* Jesus e os discípulos.<sup>7</sup> Desde a Antiguidade que as testemunhas oculares se encontravam simultaneamente próximas dos acontecimentos e distantes do poder, gente na fronteira «entre a verdade autêntica e o discurso político»<sup>8</sup>. No caso que nos ocupa, o conceito implica que o autor de uma ficção se lança, de forma meio experimental, meio lúdica, no terreno da historiografia e sugere que, apesar de todas as constelações inventadas, existe neste livro uma espécie «núcleo autêntico».

O mais interessante é o texto ter, até ao momento, «conseguido» ser recebido desta forma. De salientar sobretudo a cena de hipnose, que é sempre entendida como a reprodução mais ou menos fiel de um processo histórico real, o da cura hipnótica da cegueira histórica de Adolf Hitler. Multiplicam-se, assim, os níveis de mediação que se acumulam no episódio central do testemunho. O leitor é, pois, confrontado não apenas com um romance, uma narrativa, que inclui um relatório do médico e as notas deste que são apenas mencionados; confronta-se, além disso, com inúmeros textos que apareceram neste contexto, desde *Mein Kampf* de Hitler até aos relatórios, memórias, estudos de caso, ensaios e interpretações posteriores do que «de facto» sucedeu nessa altura a Hitler.

## II

De que trata, então, concretamente e como surgiu esta hipótese? Deixo aqui algumas breves notas. O episódio que se procurou insistentemente reconstruir, comentar e comprovar em pormenor é o seguinte: no final da Primeira Guerra Mundial, a 14 de outubro de 1918, em Ypern, o cabo Adolf Hitler, estafeta do 16.º Regimento de Reservistas List da Baviera e agraciado com a Cruz de Ferro de Primeira Classe, terá sido atingido com gás mostarda durante um ataque britânico, o que o deixou cego.

Por se tratar de uma cegueira predominantemente psicossomática, o paciente foi transferido, após internamentos breves em Oudearde e em Gent, para a enfermaria psiquiátrica IV do hospital militar prussiano de Pasewalk, em Stettin, onde era diretor de serviço o neurologista Prof. Edmund Forster – médico da Marinha e, na vida civil, médico-chefe no Charité em Berlim e, mais tarde, professor de Medicina em Greifswald. Conhecido pelas suas publicações sobre traumas de guerra e histeria, Forster depressa reconheceu as causas psicogénicas da cegueira de Hitler, tratando-as em seguida com uma terapia de hipnose que documentou num relatório. Por medo de represálias do regime nazi, que, por ordem de Hitler, queria retirar de circulação qualquer documento sobre a sua estadia no hospital militar, Forster, que havia já sido suspenso das suas funções, viria a suicidar-se em setembro de 1933<sup>9</sup>. O tão procurado relatório médico terá seguido em segredo para Paris, onde chegou ao círculo dos intelectuais exilados que se encontravam regularmente no Café Royal, entre os quais se contavam Joseph Roth e Walter Mehring, tendo mais tarde recebido tratamento literário no romance *Der Augenzeuge*, de Ernst Weiß<sup>10</sup>.

Por muito plausível e fascinante que esta hipótese soe, apesar de os pormenores variarem ligeiramente de autor para autor, habita-a um problema fundamental: o desaparecimento do relatório médico do processo de Adolf Hitler em Pasewalk, que até hoje não foi descoberto. Das fontes que lhe servem de base fazem parte as biografias (críticas) de Hitler da autoria de Konrad Heiden e Rudolf Olden, que datam do início da década de 30 e que terão influenciado Weiß<sup>11</sup>. Além destas, um relatório dos serviços secretos da Marinha americana, datado de 1943 e redescoberto no início dos anos 70 por John Toland, desempenhou um papel determinante<sup>12</sup>. Baseado em declarações do psiquiatra Karl Kroner, este relatório defende a tese de que teria sido Edmund Forster que diagnosticou e tratou Adolf Hitler como psicopata com sintomas de histeria. Assim, o episódio de Pasewalk teria sido sistematicamente encoberto pelos nazis a partir do início dos anos 30; as testemunhas eventuais deste incidente teriam sido silenciadas, a começar pelo

Dr. Forster<sup>13</sup>. Também as psico-histórias, como as de Rudolph Binion e Robert Waite, que, desde meados da década de 70, remetem para esta descrição, se apoiavam no romance de Weiß, *Der Augenzeuge*, como «fonte» adicional<sup>14</sup>. Este parecia confirmar, em larga medida, as suspeitas dos autores, chegando-se até a falar num encontro entre Forster e Weiß no verão de 1933<sup>15</sup>. Com base nestas especulações, o psiquiatra norte-americano David Edward Post defendeu, no final da década de 90, a probabilidade de a hipnose de Hitler por Forster ter mesmo acontecido<sup>16</sup>. Esta hipótese começou a ganhar terreno também na Alemanha através das publicações e conferências de Post. Começou a desenhar-se como que um «estado de investigação de confiança». Após a viragem do século, psicólogos como Manfred Koch-Hillebrecht e David Lewis continuaram a trabalhar na confirmação destas teses, tendo este último escolhido como título chamativo para o trabalho que desenvolveu sobre Forster *The Man Who Invented Hitler: The Making of the Führer*<sup>17</sup>. Também os médicos Gerhard Köpf e Franziska Lamott seguiram a mesma linha argumentativa. Köpf salienta que, do relatório de Pasewalk sobre Hitler, apenas «restou» a parte que «podia ser transformada em literatura e assim preservada [...]»; por seu lado, Lamott parte já do princípio de que o tratamento de Hitler por hipnose está provado<sup>18</sup>. Por fim, o jurista e escritor Bernhard Horstmann dedicou um livro ao tema, apresentando uma síntese dos mitos em torno do soldado cego, síntese que é coroada pela ideia fantástica de que Hitler se tornou Hitler, assassino de massas impenitentemente consistente, porque, segundo o romance de Weiß, Forster não o teria acordado da hipnose<sup>19</sup>.

Em paralelo, começa a formar-se uma resistência à possibilidade da hipnose, que até à data fora avançada de forma impensada, uma hipótese que não prescindia apenas de provas decisivas, mas que, à falta de material, recorria também a um texto ficcional, *Der Augenzeuge*, como fonte histórica. Entre os céticos, o psiquiatra de Greifswald Jan Armbruster tem o mérito de ter posto a descoberto as linhas de argumentação favoritas e de ter demonstrado, com clareza, o percurso de uma lenda cada vez mais consolidada<sup>20</sup>. Direção semelhante segue o investigador Norman Ächtler que lê *Der Augenzeuge* não como uma «transcrição dos “documentos desaparecidos de Pasewalk”», mas como a tentativa de «explicar o desenvolvimento de uma personalidade *semelhante* à de Hitler»<sup>21</sup>. Estes distanciamentos de um determinado padrão argumentativo de modo algum sugerem que se deva acreditar na manobra taticamente transparente de *Mein Kampf*, segundo a qual a cegueira fora apenas de natureza física. Não devemos esquecer que a mais pequena suspeita de doença psíquica teria naturalmente prejudicado, de forma irremediável, o ambicioso líder do partido. Resumindo: há indícios de que o cabo Hitler terá sido, durante algum tempo, um caso psiquiátrico e terá sofrido uma

perturbação pós-stress traumático. Ainda que as grandes biografias de Hitler de Maser, Fest ou Kershaw sejam reservadas neste ponto ou atribuam ao episódio apenas um significado restrito<sup>22</sup>, a investigação mais recente tende a ver como provado o tratamento de Hitler por «histeria de guerra», ao mesmo tempo que se interroga cautelosamente acerca da teoria da hipnose<sup>23</sup>.

### III

Debrucemo-nos agora sobre o romance propriamente dito. Antes de mais, importa dizer algumas palavras sobre o autor e a aventurosa história da origem do texto. Pode dizer-se sem exagero que Ernst Weiß é um dos clássicos menos conhecidos da literatura alemã recente<sup>24</sup>. Mesmo no âmbito da *Literatura Alemã de Praga*, não é em Weiß que se pensa primeiro, mas antes em nomes como Kafka e Rilke, seguidos talvez de Meyrink, Werfel, Brod, Kubin ou Kisch; e só depois nos ocorre talvez que o escritor austríaco judeu, que nasceu em Bünn em 1882, estudou Medicina em Praga e Viena, trabalhou como médico naval, cirurgião e clínico geral e viveu muito tempo em Berlim, pode ser incluído neste grupo singular. Após uma série de textos em prosa, nos quais, à semelhança de Benn ou Döblin, surgem invariavelmente problemas ou personagens relacionados com a medicina<sup>25</sup>, Weiß dedica a última fase da vida ao projeto *Der Augenzeuge*. Nesta altura, encontra-se já há quatro anos no exílio em Paris, em condições de precariedade pessoal e financeira. O manuscrito aparece em 1938, no âmbito de um prémio da *American Guild for German Cultural Freedom*, uma organização de apoio aos emigrantes alemães, que já há algum tempo prestava auxílio ao autor de *Der Augenzeuge*. Supõe-se ter havido uma versão revista no início de 1939, que resultou do contacto próximo com Zweig, mas perdeu-se, pelo que até hoje continua a ser impressa a primeira versão não revista, a qual foi, pouco depois do fim da guerra, oferecida sem sucesso a várias editoras alemãs. Weiß já não podia fazer mais nada pelo texto: após a invasão de Paris por Hitler em junho de 1940, suicidara-se. Em 1963, terminou finalmente a odisseia do manuscrito. Kreißelmeier, uma pequena editora de Munique, ousou a publicação, que se revelou um impulso ingrato, dado que, por questões de natureza jurídica, o título teve de ser alterado para *Ich – der Augenzeuge* [Eu – a Testemunha Ocular], já que a versão original coincidia com um título de Alain Robbe-Grillet. Só em 1982 é que a obra pôde ser publicada com o título inicial no contexto da edição da obra de Weiß por Peter Engel e Volker Michels para a Suhrkamp<sup>26</sup>. Nada disto, porém, impediu que *Der Augenzeuge* se tornasse a obra de maior sucesso e com o maior número de recensões

do autor, apesar de ocasionais objeções estilísticas e conceptuais. E que assim se tivesse iniciado um renascimento de Weiß, ainda que modesto<sup>27</sup>.

De que fala, então, o livro? O romance trata de um narrador autodiegético, um médico católico da Baviera, que desde o início reclama para si e para a sua «autobiografia» a autoridade do testemunho ocular: como ele mesmo sublinha, quer contar o seu percurso de vida «da forma mais fiel possível» (7). Este leva-o da infância e juventude passadas em M., uma cidade do sul da Alemanha, no período da viragem do século até à decisão, tomada no exílio em Paris em 1936, de se juntar ao exército republicano em Espanha. Ao longo de todo o seu desenvolvimento, a enviesada relação edipiana com os pais desempenha um papel fundamental. Porém, o protagonista está, acima de tudo, fascinado com duas outras figuras: por um lado, com Dr. Kaiser, o seu mentor na medicina e amigo paternal, conhecido por «Narrenkaiser» [imperador louco], que durante muito tempo apoia técnica e financeiramente o narrador, quando o «estudante esfaimado» quase não consegue aguentar-se após ter sido desamparado pelos pais; por outro lado, há a figura do cabo A.H., que padece de cegueira histórica e que o narrador, médico do exército no hospital militar de P., consegue curar quando, em novembro de 1918, o trata com uma terapia especial de hipnose. Nesta altura, o narrador não imagina as consequências pessoais e políticas que esta terapia irá ter. Nos anos seguintes, será forçado a assistir, impotente, à ascensão imparável a ditador e a *Führer* justamente daquele cabo, o mesmo soldado que ele antes vira como «criação» sua e cujo destino influenciara de forma tão determinante. Quando os novos dirigentes descobrem que o narrador ainda tem na sua posse documentos médicos sobre a doença de A.H. (210), aquele vê-se em apuros. Veronika, a mulher, judia e filha de outro médico de seu nome Kaiser, conhecido por «Judenkaiser» [imperador dos Judeus], aconselha-o a destruir os relatórios, mas ele não segue este conselho. Em vez disso, foge para a Suíça. Quando volta a Munique, não o esperam a mulher e os filhos mas um comando das SS. Como ele se recuse, apesar do martírio dos interrogatórios, a confessar o paradeiro dos documentos, é enviado, sem hesitações, para o campo de concentração D. Dali consegue, após semanas de tortura e de receio pela vida, escapar depois de Veronika ter aceitado entregar os relatórios aos nazis. O narrador não consegue perdoar à mulher esta «traição». O reencontro em Paris com Helmut, amigo de juventude e esbirro das SA caído em desgraça, bem como com o pai deste, o «imperador louco», que, em Itália, goza da proteção dos fascistas, revela-se igualmente uma desilusão. Entregue a si próprio e reconciliando-se com esforço com a família, decide-se, com as palavras «Ajuda os outros [...], assim te ajudarás a ti mesmo» (285), a abandonar França e a entrar ao serviço do exército espanhol.

Logo nas primeiras frases do romance se encontram elementos que ressoam em toda a obra:

O destino determinou que eu tivesse um papel [*eine gewisse Rolle zu spielen*] na vida de uma das raras pessoas que haveriam de causar mudanças profundas e um incalculável sofrimento na Europa. Por diversas vezes me perguntei o que me teria levado, no outono de 1918, a esta intervenção; se teria sido curiosidade, a principal qualidade de um investigador em ciências médicas, ou uma espécie de vontade de me assemelhar a Deus, o desejo de corporizar o destino [*das Schicksal zu spielen*]. (7)

O que, neste primeiro parágrafo do livro, se poderia criticar como uma fraqueza estilística – a repetição de «das Schicksal hat mich dazu bestimmt... eine gewisse Rolle zu spielen» [o destino determinou que eu tivesse um papel] e «das Schicksal zu spielen» [corporizar o destino] – revela-se, ao olhar atento, como um método. Por um lado, torna evidente a estrutura da duplicação que permeia o romance até ao fim; por outro, a estrutura da inversão. Se, na primeira frase, é o destino que atribui o papel ao narrador, na segunda frase é o Eu que, como num salto mortal, se lança no esforço de «se assemelhar a Deus», na medida em que confessa não apenas a sua «curiosidade» médica, mas também o «desejo» de ele próprio «corporizar o destino» (7). Simultaneamente, anuncia-se um paradoxo medial: aquele que, inicialmente, se vê a si mesmo como meio e instrumento do destino, ao serviço do qual desempenha um «papel», ocupa, num segundo momento, o lugar do fado, ao «intervir» na vida de outra pessoa e usá-la como meio.

O romance de Weiß foi caracterizado, não sem razão, como um «romance experimental» na tradição de Zola, ainda que os «acontecimentos médicos» em torno de fenómenos como «a histeria, a hipnose e a transferência» tenham sido ampliados<sup>28</sup>. Weiß foi ainda visto como um médico-poeta, na senda de Claude Bernard e da sua *Introduction à l'étude de la médecine expérimentale* (1865), como um autor que, ao mesmo tempo, retoma e problematiza o conceito mecanicista da ciência oitocentista<sup>29</sup>. Já no romance *Galeere*, mas sobretudo em *Georg Letham: Arzt und Mörder*, Weiß, citando Bernard e a sua conceção do laboratório como o «campo de batalha» do experimentador<sup>30</sup>, falava recorrentemente de viviseção e de experiências com pessoas ou animais vivos. Nos dois romances, que antecipam a temática de *Augenzeuge*, se retratam figuras solitárias, com tendências para a crueldade, que compensam os seus défices sociais com uma paixão fria por experiências e análises científicas. «Fora as experiências, eu não tinha qualquer prazer, nem qualquer ligação à vida», confessa, por exemplo, Letham, o narrador autodiegético<sup>31</sup>. Em ambos os textos se anuncia o poder do olhar, que

deriva da profissão médica e científica, daquele momento a que Foucault chamou, em *Naissance de la Clinique*, «um segmento da dialética do Iluminismo transposto para o olho do médico»<sup>32</sup>. Daí que certo dia, durante uma experiência, uma estudante pergunte a Erik Gyldendal, físico que trabalha com radiação, se uma «pessoa totalmente solitária, sem bondade nem ódio, não teria uma forte influência sobre outras pessoas, uma vez que o seu olhar as atravessa»<sup>33</sup>.

Desde as frases de abertura, *Der Augenzeuge* está, pois, construído em torno de uma «intervenção» médica central, encenando-se desde logo como um relato de vida, bem como relatório de uma experiência científica. Articulada com datas históricas concretas («outono de 1918») e com a biografia de um governante totalitário, esta «intervenção» constitui simultaneamente um espaço de confluência: nele se cruzam autenticidade e criatividade, fé no destino e megalomania, historiografia e invenção, espistemologia e ficção. Neste momento da reflexão impõe-se a pergunta: como fazer jus à pretensão ao testemunho ocular? Apesar de esta pretensão ser, frequentes vezes, referida no livro, isso não significa que o texto propriamente dito lhe faça sempre justiça. Este ousa abeirar-se dos limites em que a representação se traduz em presença, mas as estruturas imanentes do meio da escrita impedem-no de o conseguir. É por esta razão que, ao lançar um olhar retrospectivo sobre o acidente de cavalo na sua juventude, o narrador tem dificuldade em descrever o que aconteceu, porque, como sublinha, «só está em posição de sentir empatia quem passou por algo semelhante» (15); muito menos se pode «descrever com palavras o ESMAGAMENTO e a grandiosa bestialidade», o «delírio» das vivências de guerra (137)<sup>34</sup>. Na esteira da crítica da linguagem da viragem do século, a pretensão de verosimilhança narrativa leva a uma problematização implícita do meio da escrita, que se expressa nos diferentes tipos textuais – narrativa autobiográfica, relato empírico do investigador, artigo de jornal, apontamentos, atas, etc. – em que a autenticidade é, ao mesmo tempo, reiterada e narrativamente desconstruída<sup>35</sup>. A posição do narrador fica, no final, «pouco clara»<sup>36</sup>. Em particular, destacam-se aqueles «apontamentos» que, contra a vontade do autor, acabam nas mãos da Gestapo. A estes documentos médicos, cujo conteúdo é revelado aos leitores e que desempenham um papel central na dinâmica da ação, falta, porém, algo decisivo: aquele núcleo autêntico, íntimo, da psico-história de A.H., nomeadamente o «mistério» relacionado com as mulheres daquele que viria, mais tarde, a ser o *Führer*. Este «mistério», que o paciente teria revelado na altura, é registado pelo narrador, nas suas palavras, «com runas, que ninguém além de mim consegue ler» (266), ou seja, com um meio que tem como objetivo justamente não comunicar, impossibilitando que até o recetor do livro possa fazer sentido do seu conteúdo, ao mesmo tempo que a ilegibilidade aparece

como a maior prova da sua autenticidade – tal como o perigo de morte que esta recusa significa.

Regressemos agora ao início do romance e à palavra-chave «intervenção». Esta situa-se no contexto da atuação médica, mas a tónica está igualmente na esfera psicofísica. Anunciam-se aqui os motivos centrais do livro: a luta pela alma e pelo corpo, pela sua capacidade de sofrimento e resistência, os abismos que resultam da disciplinação geralmente violenta da guerra, da doença, da tortura ou de terapias duvidosas. Os momentos de disciplinação do corpo no sentido de Foucault encontram-se logo nas primeiras páginas, quando o jovem narrador autodiegético ousa tentar a «experiência» de dar comida a um cavalo e recebe por este ato de coragem um coice que o deixa gravemente ferido. No processo, passa pela primeira vez por aquilo que depois designará por «ESMAGAMENTO» (18). Este acontecimento constitui, no seu desenvolvimento, uma espécie de iniciação: por um lado, porque o jovem aprende a suportar dores fortes e, por outro, porque, às mãos de um médico judeu, o «imperador dos Judeus», se recompõe de uma maneira que se lhe tornará «inesquecível» como «CURA MILAGROSA [...]». Pela primeira vez, pensa «seguir a profissão de médico» (20). Para o narrador, o papel central da vontade e da autodisciplina, a estrutura da submissão do corpo, vai-se desenvolvendo, por etapas, na escola, no serviço militar, nos estudos, até à sua detenção num campo de concentração, passando pela experiência da guerra<sup>37</sup>.

Se, durante muito tempo, se viu como alguém à mercê dos outros, sujeito a inúmeras medidas de educação e tortura, é na clínica e na guerra, enquanto oficial médico, que se torna ele próprio um agente modelador em matéria de corpo. Num hospital militar perto de La Fierté Lescoudes, onde trabalha como cirurgião «numa das muitas mesas de operações» e onde anda «literalmente em sangue» (131), lida com corpos humanos estropiados e estraçalhados, com «amputações de coxas», com «vasos sanguíneos», «músculos», «fibras nervosas» (132). Após se ter juntado às tropas de combate na Frente Ocidental, onde vive «o delírio bárbaro» da guerra e atira «granadas de mão» (136 e ss.), é enviado, já no final da guerra, para o hospital militar de P., para convalescer de um «tiro no pulmão» (138). Ali trabalha como agente disciplinador e psicoterapeuta: já não é responsável por amputações, mas pelos «mutilados de espírito», por pacientes muito traumatizados, cuja mente estava tão «desalmada» que «já nem se lamentavam ou choravam» (139). Com a sua atividade como médico começa para o narrador um novo capítulo da sua biografia. Em vez de se sentir uma vítima, como antes muitas vezes acontecera, age agora como parte de um aparelho de suporte do Estado, «importante para o esforço de guerra». Quer através de «exercício metó-

dico» e «próteses» (139), quer através de repreensões, sugestões e outras formas de disciplina, este aparelho é responsável por transformar os corpos mutilados em «corpos normais» e preparar aqueles a quem, de alguma forma, era dada alta para novas missões militares. Enquanto médico, o narrador pertence a uma teia de poder-saber, no sentido foucaultiano, um sistema que se autoriza a si próprio a incluir e excluir pessoas, a declará-las curáveis ou incuráveis, a distinguir entre simulação e doença «autêntica» (139). Por outras palavras, ele representa «as práticas» que, em momentos de crise, determinam «o valor social da saúde e da doença»<sup>38</sup>.

Ainda assim e apesar de toda a curiosidade e interesse científico, o narrador autodiegético sente-se, enquanto médico de guerra, e em particular na qualidade de cirurgião de emergência, cada vez mais «estupidificado» e «bestializado». Confrontado com o entusiasmo pela guerra das «massas», em que o indivíduo «não conta» (127) e é usado apenas para certos fins, confrontado também com uma «propaganda» cujo mote não é dado pela «razão e comedimento», mas antes por «impulsos animalescos», ele encara a guerra, desde o início, com grande distanciamento. «Tinham despertado», diz-se, as «AS ALMAS INFERIORES» (125-127). O narrador não esconde ter preferido trabalhar como psiquiatra em P. do que como cirurgião na Frente Ocidental. Não se tinha ele, desde cedo, «comprometido com a psiquiatria», guiado e inspirado pela figura paternal do seu mentor: o imperador dos loucos (113)? Durante os estudos, o seu interesse orientara-se crescentemente, segundo ele, para um «fenómeno cuja investigação se aprofundava então sob a influência da recente escola de psiquiatria judaica de Viena e de Charcot: a histeria e as perturbações geradas no espírito, conhecidas por patologias psicogénicas [...]» (122). «Hipnose» e «análise» são as palavras decisivas neste contexto, sendo que a última remete, naturalmente, para Sigmund Freud. A questão do grau de familiaridade de Ernst Weiß com a obra de Sigmund Freud e a psicanálise em geral tem sido objeto de debate, não se conseguindo, no entanto, chegar a uma resposta segura; em certos contextos, aceita-se uma influência mais forte por via de Otto Weininger<sup>39</sup>. A afirmação de Weiß de que teria sido aluno de Freud em Viena pertence ao foro da lenda<sup>40</sup>. Ainda assim, o conceito de «ALMAS INFERIORES» remete claramente para o conceito de «inconsciente» psicanalítico. O facto é que o narrador autodiegético se doutorou com um trabalho no domínio da histeria/hipnose pouco antes do dealbar da guerra – e se lançou de imediato à experimentação prática dos seus conhecimentos. O seu primeiro caso era um epilético acusado, entre outras coisas, de assalto e homicídio que afirmava «ter cegado repentinamente» (123). Ainda que o narrador nada possa contra a epilepsia – ou contra a condenação do homem à morte em julho de 1914 –, consegue

curá-lo da cegueira: «Consegui-o através da hipnose», diz o texto (124). Cria assim um precedente na sua biografia científica que viria a servir-lhe de modelo de terapia para a cegueira do cabo A.H.

Um breve olhar sobre o discurso da psiquiatria no tempo de Guilherme II revela que muito estava em mudança, em particular no que respeita a doenças como a «histeria» e a «neurose traumática», tão populares desde Charcot. Alguns (poucos) neurologistas, entre os quais se destaca Hermann Oppenheim, tinham criticado a obsessão de Charcot com fenómenos de histeria *feminina*, tendo provado que se verificavam sintomas semelhantes em homens, em particular operários industriais<sup>41</sup>. Foi, mais uma vez, Oppenheim que introduziu, em 1888, o conceito de «neurose traumática»<sup>42</sup>. Estas investigações caíram, contudo, em descrédito nos anos que antecederam a guerra e durante esta, por diversos motivos. Por um lado, tinha-se estabelecido um ideal masculino em que dominavam a vontade forte, a disciplina rigorosa e o autocontrolo. Por outro, consolidara-se em círculos alargados, também entre os intelectuais, uma ideologia que entendia a guerra como um imperioso programa alternativo à *décadence*, uma espécie de «banho de aço para os nervos»<sup>43</sup>, que prometia curar ou nem deixar irromper aqueles sofrimentos que, supostamente, haviam afetado tanto a «civilização degenerada». Acresce ainda que, sob as condições duras da guerra, parecia «mais económico» abdicar do conceito de neuroses traumáticas, reabilitar o conceito clássico da histeria e assim procurar a causa dos défices psíquicos nos indivíduos afetados, em vez de os buscar nas experiências na Frente. Ainda que, por exemplo em Viena, surgissem, desde meados da década, cada vez mais pessoas com «tremores de guerra», tremores que pareciam corporizar a «negação de toda a interpretação militar da guerra»<sup>44</sup>, a maioria dos neurologistas e psiquiatras insistia na visão de que as neuroses de guerra tinham menos que ver com a guerra do que com uma tendência inata para a debilidade nervosa e para a simulação<sup>45</sup>. Esta devia, dizia-se, ser combatida com tanto mais severidade quanto, para alcançar a vitória, não se podia prevaricar. Surgiu assim a chamada «querela da simulação»<sup>46</sup>. Ao contrário do grupo em torno de Oppenheim, a maioria dos colegas, entre os quais Adolf Strümpell, Karl Bonhoeffer e Ernst Kretschmer, defendia formas violentas de tratamento desta «doença imaginária» – com choques elétricos, sugestão acordada, terapia da não atenção, do isolamento ou terapia verbal (reprimendas, insultos)<sup>47</sup>. A hipnose, então redescoberta, assume um papel importante. Em 1916, no congresso de neurologia em Munique, que foi decisivo para estas tendências – e no qual Oppenheim saiu derrotado –, Max Nonne apresentou, para espanto dos colegas, o caso de uma série de soldados com perturbações psicossomáticas, cujos sintomas tinham desaparecido logo após um tratamento por

hipnose<sup>48</sup>. Esta atuação reforçou a convicção da maioria dos neurologistas de que a histeria seria individualmente condicionada e não ocasionada por fenómenos provocados por causas externas.

Em 1920, num memorando destinado ao processo judicial contra Julius Wagner-Jauregg, que fora acusado de tortura elétrica, Sigmund Freud sublinha que parecera «apropriado» «tratar o neurótico como simulador» e assim aplicar um «procedimento» que não pretendia «o restabelecimento do doente», mas antes «o restabelecimento da sua aptidão para a guerra». O conflito «entre as exigências de humanidade [...] e os requisitos da guerra» teriam «confundido a tarefa do médico»<sup>49</sup>. Ora, isto toca num ponto sensível dos esforços da medicina e da psiquiatria no contexto da Primeira Guerra Mundial. Os representantes destas disciplinas, ao estarem simultaneamente ao serviço de uma «ciência médica de guerra», viam-se cada vez menos como os agentes da cura de doenças individuais e mais como especialistas dedicados ao fortalecimento e à regeneração dos militares, cujos interesses tinham de ter prioridade perante os interesses dos pacientes, a bem da causa nacional patriótica<sup>50</sup>. Assim doutrinado, o psiquiatra que exercia funções durante a Primeira Guerra via-se já não apenas como médico de uma instituição, mas antes, e sobretudo, como parte de uma formação sociopolítica abrangente, cuja missão era o «bem da Alemanha», formação que servia na qualidade de «combatente ao serviço da cultura, patriota nacionalista, tecnocrata e curandeiro»<sup>51</sup>. Por outras palavras, o psiquiatra tornou-se uma figura próxima do divino, dotado de um poder de interpretação quase ilimitado, que procurava conciliar a ideologia do «efeito catártico» da guerra com as devastações psíquicas com as quais deparava quotidianamente. Assim, não causa surpresa que Georg Letham, o protagonista de Weiß, se pergunte: «Era eu semelhante a Deus?»<sup>52</sup>, ou ainda que o narrador de *Der Augenzeuge* confesse: «Considerávamo-nos semideuses [...]» (113).

#### IV

Neste sentido, o narrador autodiegético do romance de Ernst Weiß age como parte de um aparelho político de guerra e do seu contexto discursivo. A atividade como médico e psiquiatra do hospital militar em P. aparece-se-lhe assim como algo mais do que o seu trabalho anterior como cirurgião, porque tem a oportunidade de tirar «apontamentos» sobre os seus pacientes, que mais tarde «gostaria de utilizar num trabalho científico sobre as psicoses de guerra» (140). Só documenta alguns casos de forma mais extensiva, entre os quais se conta o daquele «cego de

guerra agitado, desmoralizado pela insónia», daquele peculiar cabo, para quem, por um lado, lhe tinham chamado a atenção como «um eterno agitador» e que, por outro, lho «tinham recomendado especialmente», sem, no entanto, se dizer por que motivos (140). Embora «inteligente» e «de compreensão rápida» (143), A.H. destacara-se desfavoravelmente não só por se ter recusado a deixar que um sargento judeu lhe tratasse os olhos, mas também porque ele, o abstinente, importunava os camaradas de quarto por causa do fumo e do consumo de álcool, não tolerava que o contradissem e à noite lançava-se frequentemente em tiradas antissemitas em voz alta que não deixavam dormir os outros pacientes (142 e ss.). E é justamente este solitário fanático, sem humor, que nunca recebe correio ou presentes, que pede aos camaradas que lhe leiam artigos políticos e que defende o direito do mais forte e a superioridade da raça ariana, que leva o narrador «sem saber como, a cuidar dele de forma especial» (148). Perante a opção de manter este fanático à distância ou de, através de tratamento, canalizar a sua «enorme energia» para «outros fins melhores e mais humanos», o narrador decide-se por esta última (147). Por outras palavras, A.H. constitui um desafio especial para o oficial médico enquanto cientista: não apenas o seu carácter extremo e difícil terá parecido atraente neste contexto, mas também, e sobretudo, a impossibilidade evidente de hipnotizar uma pessoa que não vê. É desde logo certo que o narrador não duvida da origem histórica da doença. Contudo, não atribui a cegueira a uma personalidade instável ou a simulação, mas antes a interpreta como a consequência de uma «vontade invulgarmente forte»: H. «elevava-se acima do destino, preferindo ficar cego a assistir ao declínio da Alemanha» (151). Um indício extradiegético para esta hipótese encontra-se em *Mein Kampf* de Hitler: perante a informação do sacerdote do hospital de que a derrota da Alemanha seria definitiva e de que a monarquia já se teria tornado uma «República», Hitler escreve que viu tudo «negro» e que rezeira «ficar cego para sempre»<sup>53</sup>.

O passo seguinte é preparar o paciente para a experiência. No início da hipnoterapia é importante estabelecer o chamado *rappport*, ou seja, uma estreita ligação pessoal e emocional entre médico e paciente. Para o conseguir, o psiquiatra costuma, em geral, ajustar-se às atitudes intelectuais e ao sistema de crenças, às formas de perceção e de experiência e até mesmo ao padrão linguístico do paciente – o que o narrador autodiegético tenta fazer<sup>54</sup>. A isto juntam-se várias medidas específicas para pôr o paciente num estado propício à hipnose. Destas medidas fazem parte os efeitos de duplo vínculo especialmente dirigidos, tal como os conhecemos da nova terapia por hipnose, por exemplo, de Milton Erickson<sup>55</sup>. Quando, no romance de Weiß, o terapeuta comunica ao paciente, por um lado, que se interessa pelo seu caso por se tratar de «algo extraordinário», e,

por outro lado, que talvez possa ficar em breve curado, isto contradiz qualquer plausibilidade (152). Quando depois não o chama logo, mas antes o faz esperar tanto tempo até A.H. decidir ser ele próprio a dirigir-se ao médico; quando continua a trabalhar à secretária, deixando à espera o paciente que procura ajuda, sem se ocupar dele; quando o médico se comporta desta e de formas semelhantes, fá-lo com o objetivo de agudizar cada vez mais as expectativas do paciente cego, aumentando o seu desejo de cura ao ponto de este estar pronto para quase tudo o que é possível neste contexto.

Por fim, o paciente parece estar suficientemente preparado. Os dois sentam-se frente a frente. O psiquiatra acende duas velas, examina os olhos do paciente, que lacrimejam ligeiramente, e observa a «tremenda tensão» que se exprime na mímica deste – teme com certeza que também este terapeuta, como todos antes dele, lhe diga diretamente «que os seus olhos estão bem», por outras palavras, que está a fingir (152). Em vez de confirmar os seus receios, o psiquiatra diz a A.H., para alívio deste, que «tem os olhos terrivelmente danificados pelo efeito do gás mostarda, não conseguindo realmente ver» – não sem sublinhar expressamente que jamais partiria do princípio de que «um ariano puro» e «bom soldado» como ele é fosse capaz de uma tal mentira (153). Porém, a boa notícia é simultaneamente má porque este estado de coisas torna impossível, continua o médico, libertá-lo da insónia, uma vez que, como é sabido, a hipnose «atua através dos olhos»: «Não é possível hipnotizar um cego [...]» (153). Aqui entram outra vez em jogo a técnica da confusão e o efeito de duplo vínculo já anteriormente referidos. Ao mesmo tempo que esclarece verbalmente que nada mais pode fazer pelo paciente, o médico sugere-lhe, sub-repticiamente, que as possibilidades dele não se esgotam aí – consegue assim que a descarga energética e a acumulação de tensão atinjam um máximo de intensidade. O paciente não é capaz de se levantar e ir embora, antes se volta a sentar, como se estivesse «enfeitado» (153). Está pronto.

O tratamento pode agora começar. Um desafio particular é a realidade referida pelo médico de que os olhos do paciente, enquanto instrumento decisivo na hipnose, não estão disponíveis – pelo menos enquanto durar a cegueira histórica. Assim, as consultas tornam-se uma experiência: como há de imaginar-se, no contexto, esta terapia à primeira vista «im-possível»?

Para nos debruçarmos sobre este assunto, é importante trabalhar com o conceito de transferência. Este reporta-se também ao contexto psicanalítico, a momentos de resistência, adiamento, agregação. Segundo Michel Neyraut, a transferência é um processo «que oscila entre identificações, introjeções, projeções, mesmo estados de diluição, sem nunca se deixar assimilar em qualquer um

deles»<sup>56</sup>. Por outro lado, de acordo com Neyraut, seria de assinalar que, na maioria dos casos, a transferência e a contratransferência estão interligadas. Pode mesmo ponderar-se a primazia da contratransferência<sup>57</sup>, também no caso em apreço. O processo da transferência/contratransferência realiza-se aqui em diversos passos. Num primeiro momento, o narrador autodiegético transfere, enquanto oficial médico, para o paciente o seu hipertrófico ego ideal, que é caracterizado por conceitos como «Geltungstrieb» [desejo de ter influência], «Gottähnlichkeitstrieb» [complexo de Deus] e «Überenergie» [superenergia] (151), após o que este último, por sua vez, transfere o seu ego ideal para o terapeuta. Dito de outro modo: quando A.H. se apercebe de que foi aceite pelo terapeuta como caso singular, como personalidade excecional e determinada, projeta nele as suas próprias concepções ideais de domínio, poder e autoridade. No texto não restam dúvidas quanto ao paralelismo das projeções: «Eu queria dominar, e todo o ato é mais ou menos uma forma de domínio, de transformação, de se elevar ativamente acima do destino. Também H. se tinha elevado acima do seu próprio destino» (151). A.H. não tem então outra alternativa que não seja seguir obedientemente as instruções do médico, que lhe são transmitidas apenas em espírito. A «resistência» do paciente foi «superada», numa alusão literal ao conceito psicanalítico. Basta pensar «com toda a energia» que o paciente deve cruzar «as mãos no colo», «mexer na Cruz de Ferro», estender o «braço direito», uma espécie de antecipação da saudação hitleriana – e ele fá-lo prontamente.

Porém, o mais importante é o paciente revelar-lhe o seu «segredo com as mulheres». Revela assim o núcleo erótico da sua personalidade, um tema tabu que permanece obscuro enquanto tal na obra e que, apesar disso, está latente em toda a cena (153). O conceito do «ego ideal» no contexto da hipnose e transferência aparece também na psicanálise, o que é confirmado por um mero relance à obra *Psicologia de Massas e Análise do Ego*. Nesta obra, Freud descreve o encantamento com a hipnose e sublinha que o hipnotizador assume «o lugar do ego ideal», torna-se o «objeto» «único», absolutizado. Curiosamente, Freud acrescenta que a hipnose é uma construção de massas a dois, assemelhando-se por isso à relação do *Führer* com o indivíduo massificado<sup>58</sup>. Importa não esquecer que o conceito freudiano de hipnose desempenha ainda um papel relevante nos *Estudos sobre a Histeria* editados, em 1895, com Breuer, ainda que este seja visto com algum ceticismo. Mais tarde, porém, e salvo exceções como a que se referiu anteriormente, a hipnose viria a ser excluída da análise.

## V

É justamente este ego ideal, partilhado pelo médico e pelo paciente, que sofre depois um desgaste ainda maior, mal o processo de hipnose e transferência se inicia. O terapeuta volta a fazer uso de uma argumentação paradoxal ao dizer: «Já não há milagres.» De seguida, contudo, contradiz esta observação ao afirmar que «a pessoas escolhidas» na história teriam «acontecido, porém, muitas vezes milagres», ou seja, há certamente milagres. E, para corroborar a sua tese, não se coíbe de enumerar representantes famosos de um ego ideal divinizado, ou de os apresentar ao paciente como modelos (154). Debrucemo-nos sobre os passos decisivos:

«Eu não sou nenhum charlatão ou milagreiro», disse, «sou apenas um médico, mas talvez o senhor tenha a força rara, que surge uma vez em cada mil anos, para fazer um milagre. Jesus fez alguns, tal como Maomé, ou os santos.» Ele não respondeu, ficou a olhar fixamente em frente, com a respiração pesada. «Eu poderia indicar-lhe o método, com a ajuda do qual poderia ver mesmo se os seus olhos estão queimados pelo gás mostarda. No estado em que estão os seus olhos, qualquer pessoa normal ficaria cega para toda a vida. Mas, para uma pessoa com uma força de vontade especial e energia de espírito, não há limites; o conhecimento das ciências naturais não se lhe aplica, e o espírito consegue derrubar os muros, no seu caso a camada densa e branca na córnea, mas talvez não tenha a força necessária para o milagre.» – «Como poderei eu sabê-lo?», perguntou, «quem pode sabê-lo é o senhor doutor.» – «Tem confiança na sua força de vontade?», retorqui. «Então tente, abra bem os olhos. Vou acender agora a minha vela com um fósforo. Viu o clarão?» – «Não sei», disse ele, «uma luz não, mas um certo brilho branco e redondo.» – «Isso não basta», disse, «não é suficiente. Tem de acreditar cegamente em si, só então deixará de ser cego. O senhor é jovem, seria uma pena! Como sabe, a Alemanha precisa agora de pessoas com energia e com confiança cega em si próprias. A Áustria está no fim, mas a Alemanha não.» – «Eu sei», disse ele num tom muito diferente, levantou-se e apoiou-se na esquina da mesa. Porém, tremia ainda. «Ouça», repliquei, determinado, «tenho aqui duas velas, uma à direita, outra à esquerda. Tem de as ver! Vê-as?» – «Começo a ver», disse, «se ao menos fosse possível!» – «PARA SI NADA É IMPOSSÍVEL! DEUS AJUDA-O, SE SE AJUDAR A SI PRÓPRIO! Em cada pessoa há um pouco de Deus, que é a vontade, a energia! Concentre toda a sua força. Mais, mais ainda, mais! Muito bem! Agora chega! O que vê agora?» – «Vejo o seu rosto, a barba, a mão, o anel de sinete, a bata branca, o jornal em cima da mesa e os seus apontamentos sobre mim.» – «Sente-se», disse-lhe, «descanse. Está curado. Devolveu a si mesmo a visão». (154 e ss.)

Ao ler-se este passo, é impossível não reparar no seguinte: aquilo para que apontava o relato do caso até a este momento parece não se concretizar – a hipnose não acontece. Contudo, ocorre, sem dúvida, uma espécie de transferência. Ao contrário da utilização comum em psicanálise, a transferência/contratrans-

ferência surgem aqui, num segundo patamar, mais intenso, como um processo conscientemente encenado. Em termos mesmerianos: o potencial de energia para o qual o terapeuta aponta é descoberto a partir de dentro, onde está acumulado, inibido, sendo então voltado para fora, verbalizado, para depois voltar a ser transferido para dentro, refluindo. Mas o inverso também é verdade: ao incumbir o paciente de uma missão quase divina, ao animá-lo a «acreditar cegamente em si próprio», o terapeuta eleva-se à posição de alguém capaz de um ato radical de *creatio*. O facto de o apelo à vontade do outro resultar testemunha, por seu lado, a força revolucionária da própria vontade. Neste sentido, inicia-se uma relação de intercâmbio, uma espécie de circulação energética entre os dois polos. Parece adequar-se aqui o conceito de meio ou de medial. A circulação propicia que cada um dos dois se torne o meio para o outro: A.H. para o médico, para que este realize as suas ideias de onipotência; o médico para A.H., para que este volte a ver e alcance o seu domínio psíquico e físico. Se um deles «devolve a si mesmo a visão» com a ajuda dos sugestionamentos indiretos do outro, este outro, por seu turno, pode dizer no final do tratamento acerca de si mesmo: «Tudo sucedeu como eu queria. Eu fui o destino, Deus, e devolvi a um cego a luz e o sono» (156).

Tudo isto acontece, porém, sem auxílio da hipnose ou, pelo menos, sem recurso àquilo que tradicionalmente se entende por tal: o contacto visual direto entre médico e paciente<sup>59</sup>. Antes se trata de uma forma de transferência que funciona sobretudo por mediação, em que e através da qual o meio linguagem gera realidades verbais. Este seria, pois, o terceiro passo. Neste sentido, poder-se-ia dizer que o potencial da hipnose é aqui inteiramente depositado na *linguagem*, sendo encenado pelo meio do diálogo fingido<sup>60</sup>. A retórica persuasiva e imperativa do passo sobrepõe-se às funções da hipnose clássica e da sugestão direta. Por outras palavras, a imediaticidade da hipnose tradicional cede lugar à mediação do discurso; a sugestão direta é diferenciada medialmente e decomposta em passos linguísticos, a magia dos «olhos nos olhos» transforma-se num paciente «palavra por palavra».

Como opera exatamente esta linguagem «hipnótica»? O nível paradigmático inicialmente esboçado (Jesus, Maomé) é de imediato substituído pelo nível sintagmático, quando o médico apela ao seu interlocutor para que não aceite os «limites» normalmente impostos pela cegueira, mas os faça antes explodir com a sua «força de vontade» e «energia de espírito» (154). Poder-se-ia aqui falar da iniciação de um processo autopoiético, ou seja, um processo de autossugestão e auto-hipnose, que, tendo o médico e o seu discurso como ponto de partida, se forma depois na psique do outro. Ao nível sintagmático, pode ver-se este processo como uma cadeia de metonímias, que é produzida, elo a elo, no diálogo e que vai

do nada que é a «camada branca da retina», a obstruir a visão, até à reconstrução ótica de toda a cena. Tudo começa com o fósforo. É com ele que o médico gera um «clarão», iniciamente percebido pelo paciente como «uma espécie de brilho branco e redondo», portanto como algo difuso, a possibilidade do fogo em vez do próprio fogo. Depois de vários apelos para que acredite em si próprio e também para que considere a situação política da Alemanha, depois de uma exclamação impaciente, «*Tem de ver!*», da parte do terapeuta, o paciente admite começar a ser capaz de ver, de resto numa formulação paradoxal, gramaticalmente incorreta, que oscila entre o ver e o não ver: «Começo a ver», disse, «se ao menos fosse possível!» (155). Este processo é acompanhado por mudanças de voz e gesto. O passo decisivo só é dado depois de o médico tentar, numa ofensiva ditatorial, não lhe deixar qualquer alternativa: «PARA SI NADA É IMPOSSÍVEL!», lê-se em maiúsculas, «DEUS AJUDA-O, SE SE AJUDAR A SI PRÓPRIO!» Ao recorrer a uma exortação usada desde o Barroco, entre outros, por autores como Schiller e Keller, o narrador encontra aqui não apenas uma máxima que virá a ser, mais tarde, usada pelo *Führer*, portanto um elemento extradiagético, mas também a estrutura de transferência que funciona com egos ideais. Àquela juntam-se outros imperativos, acrescentados de forma repetitiva e sugestiva: «Concentre toda a sua força. Mais, mais ainda, mais!» (155). O que inicialmente era um «brilho» difuso, ganha lentamente forma aos olhos do paciente, como num filme, em que uma imagem pouco nítida adquire gradualmente contornos: «Vejo o seu rosto, a barba, a mão, o anel de sinete, a bata branca, o jornal em cima da mesa e os seus apontamentos sobre mim» (155). Com esta experiência, o psiquiatra consegue nada menos do que um ato de criação linguística, um «Faça-se luz» médico-retórico.

Há assim neste passo, como vimos, pelo menos três formas de transferência: (1) a transferência e contratransferência do ego ideal, que pode ser mais adequadamente descrita numa perspectiva psicanalítica; (2) a transferência da performatividade visual para a retórico-linguística e (3) a transferência recíproca de energia entre os parceiros do diálogo, que inclui sinais extralinguísticos e que restabelece gradualmente a visão.

## VI

Contudo, ficou ainda muito por dizer sobre esta cena. Falta apontar um passo que pode escapar facilmente na leitura, passo em que o processo quase hipnótico se torna visível como que através de uma lupa: «Tem de acreditar cegamente em si, só então deixará de ser cego» (155). O que é fascinante neste excerto não é

apenas o facto de que entre todas as oscilações de não visão para visão surja agora uma poetização significativa, mas também, e sobretudo, que todo o processo de transferência seja expresso na cena justamente através da figura de retórica que se designa literalmente por «transferência»: *metaphorá* de *metaphérein*, a *metáfora*. Em lugar da cegueira concreta, ainda que não física mas histórica, do cabo A.H., uma cegueira que em certa medida se revela já portadora de sentido, surge uma cegueira metafórica, a necessária para acreditar incondicionalmente «em si mesmo» ou para sentir «ódio cego pelos Judeus» (201). Esta é a expressão usada mais tarde no romance, quando vemos A.H. já lançado na carreira no partido. A cegueira concreta tem de findar para que a cegueira metafórica possa triunfar: o fim daquela é condição para a eficácia desta.

De resto, para o desenvolvimento da ação do romance isto significa que não há cura para a cegueira figurativa que substitui a primeira, a literal, que a cegueira metafórica é o preço que tantos povos terão de pagar por esta pequena terapia, por esta experiência bem-sucedida num hospital militar da Pomerânia. À medida que se torna cada vez mais evidente a maneira monstruosa pela qual o paciente em P., outrora insone e desamparado, assume o papel do seu terapeuta, o papel de alguém poderoso, um hipnotizador que sujeita as massas ao poder do seu olhar, isto afeta também e sobretudo quem tornou tudo isto possível. É certo que o protagonista não podia adivinhar, no outono de 1918, as terríveis consequências que a sua ação viria a ter: ele que foi testemunha ocular – em mais sentidos do que apenas no mais comum – da fraqueza daquele que viria a tornar-se mais tarde ditador, mas também ele que metaforicamente «criou o olhar», ou seja, *recriou* a visão de A.H.<sup>61</sup>. Logo no título, o significado literal alterna com o sentido metafórico, menos evidente, de modo que o ato de autenticação, tendencialmente recetivo por natureza, é envolvido por uma semântica criativa, dirigida ao próprio ato da escrita. «Não foi ele obra minha?», diz o narrador autodiegético, que assim fala também como *auctor* (183) – e confessa haver momentos em que «se arrepende» da sua decisão anterior de «comandar» o destino «na minha pulsão para me assemelhar a Deus» (197). Não é ele, nos anos que se seguem, obrigado a seguir a carreira ascendente deste homem que de meio passou agora a grande mediador? Independentemente do grau de construção e encenação propagandística do carisma do *Führer* histórico<sup>62</sup>, o narrador reconhece que, apesar de toda a distância que, em regra, assume enquanto testemunha ocular, não fica imune ao poder que A.H. exerce – este, ao discursar, não só hipnotiza os presentes, que, assim como assim, gostam de «obedecer cegamente» (192), tal como «eu o tinha em tempos hipnotizado» (182), mas seduz o próprio narrador que sucumbe a estas sugestões<sup>63</sup>. Também ele se vê inesperadamente como «átomo» daquela

massa submissa e manipulável (193), descrita em pormenor por Le Bon, Freud, Reich ou Canetti e Moscovici<sup>64</sup>. Por curiosidade, chega até a frequentar ocasionalmente eventos do partido, sentando-se na primeira fila e querendo «prender» o «olhar» daquele que, outrora, fora seu paciente. Mas «era impossível. Ele nada via» (201). Num discurso do *Führer*, que é apresentado como se de um ato sexual se tratasse, com «membros trémulos», «volúpia», «ejaculação de ódio» e «clímax», chega mesmo a confessar, ele que nunca simpatizará com os nazis, que se casará com uma judia e mais tarde será levado para um campo de concentração: «Aquilo empolgava-o, empolgava-nos e já não éramos quem havíamos sido» (195 e ss.).

Quando se olha para trás a partir deste passo inquietante, é quase impossível não reparar que o texto se reporta, recorrentemente e de formas diferentes, ao *topos* da cegueira na história da literatura. Na perda de visão de A.H. e nos anos após a terapia, ecoam variantes da cegueira simultaneamente carismática e demoníaca que conhecemos desde a Antiguidade: de Tirésias e Édipo ou do Grande Inquisidor de *Don Carlos* aos decrépitos cegos de Brecht, Feuchtwanger e Meyrink<sup>65</sup>. Porém, o texto joga sobretudo com aquela «cena primordial do Iluminismo»<sup>66</sup> que encontra expressão na palavra de ordem de La Mettrie «Abri os olhos!» ou, mais tarde, que, em Schopenhauer, assume uma formulação já médica, em que se compara o impacto de Kant a uma «operação às cataratas»<sup>67</sup>: no *Siècle des Lumières* tratava-se do restabelecimento da visão, mais concretamente, da «cura do cego»<sup>68</sup>. O texto de Weiß demonstra enfaticamente que a cura de um cego, deste cego em particular, não tem como consequência a clareza, o saber, a razão, mas o seu exato oposto: uma demência ideológica, a libertação de todas aquelas «forças sinistras» que estavam escondidas neste homem e que agora mobilizam as massas e até mesmo indivíduos como o narrador, que julgam estar ainda na posse das suas faculdades mentais (181). A cura da cegueira histórica torna-se, em Weiß, cegueira metafórica, afinal muito mais grave – deste modo, o processo experimental de «hipnose» revela-se inextricavelmente implicado na dialética do Iluminismo: em vez de permitir ao paciente uma espécie de esclarecimento através da regeneração da vista e de voltar a confirmar a «cena primordial» setecentista, o médico liberta a malevolência do paciente, abrindo-lhe caminho para o poder sobre a morte e a aniquilação.

Se o romance apresenta a fatal marcha vitoriosa de uma metáfora – a da cegueira – como desenvolvimento gradual de uma catástrofe, se constitui menos um *Bildungsroman* do que um texto que patenteia o «fracasso» do narrador autodiegético na «busca de identidade», tornando consciente que a «auto-opacidade» é o reverso da ofuscação geral<sup>69</sup>, ao fazer justamente isto, o romance desconstrói

ao mesmo tempo a metáfora e guia o olhar de volta àquela cena em que tudo ainda estava em aberto – em que transferência e contratransferência se cruzavam e completavam. Enquanto A.H. no papel de *Führer* abusa de todo um povo tornando-o, pela hipnose, o meio para as suas mensagens e o seu terapeuta de outrora desaparece como um átomo nesta massa, a relação entre ambos na cena da experiência parece muito mais equilibrada. Cada um se espelha no outro, descobre as qualidades suas no seu oponente, de modo que há quem se refira a eles como «pessoas psicologicamente afins»<sup>70</sup>, por vezes até com uma espécie de *Doppelgänger*, de duplos: os dois querem assumir-se como destino, os dois tendem para a obsessão com o poder, os dois são seduzidos pela ideia de se assemelharem a Deus. Além disso, os dois são vegetarianos (108) e as suas histórias de infância revelam semelhanças surpreendentes<sup>71</sup>. Isto leva a que na cena da hipnose, como vimos, as transferências não tenham apenas uma direção mas circulem. Não é apenas um dos intervenientes (A.H.) que é o meio para a terapia experimental do outro (do narrador), o contrário também se verifica: o narrador serve de meio para o processo de automelhoramento de A.H. Da mesma maneira que quem faz a experiência está envolvido nela e é por ela transformado, mas também a mediação da cena não se centra num objeto ou numa pessoa, num mensageiro ou num *tertium*. Trata-se antes de um processo flutuante, oscilante, de uma dinâmica que implica alternadamente as duas pessoas e que, pela linguagem, atravessa os campos de forças de cada uma para lá da ordenação de sujeito e objeto, de atividade e passividade.

## VII

Em jeito de conclusão, voltemos aos discursos historiográficos que servem de enquadramento ao livro. No que respeita a Adolf Hitler, que o romance simultaneamente oculta e evoca, mistifica e anonimiza com as iniciais A.H., é muito possível imaginarmos ter existido alguém, em Pasewalk, que o tivesse querido libertar da histeria através do poder retórico da linguagem. O passo de *Mein Kampf* citado no início – «[...] a voz da consciência soou forte em mim: miserável desgraçado, choras quando outros estão tão pior do que tu [...]» – sugere que a voz que ressoa desta forma heroica na consciência poderia bem ser o órgão muito concreto de um psiquiatra a apelar à autorresponsabilização do soldado<sup>72</sup>. Já se este psiquiatra recorreu de facto a uma terapia por hipnose ou se se chamava Edmund Forster, a hipótese, tão tentadora quanto popularizada, permanece, no entanto, refém da penumbra da lenda. Sobretudo quando se sabe – e a investigação não deixa

espaço para dúvidas – que o Dr. Edmund Forster não tinha fama de ser um terapeuta muito sensível, assumindo-se antes como um opositor de Oppenheim, *i.e.*, um *hardliner*, que, em artigos sobre a Grande Guerra, defendia posições próximas às do congresso de neurologistas de Munique de 1916, explicando as neuroses de guerra como resultado de uma «disposição psicopática» e «constitucional»<sup>73</sup>. Por outras palavras, dominava bem os «instrumentos de tortura»<sup>74</sup> comuns na época e não poupava esforços para transformar os doentes psiquiátricos em combatentes aceitáveis na frente de batalha. «Em alguns casos em que a persuasão enérgica não produzia um resultado imediato», lê-se num ensaio de 1917, «recorria a outros métodos comuns da sugestão, sobretudo à eletrização. Contudo, fazia questão de dizer ao paciente que não o estava a eletrizar por estar doente, já que o seu alegado sofrimento era apenas um mau hábito de que se poderia libertar, se quisesse»<sup>75</sup>. Vê-se, assim, que, mesmo quando Forster se refere aos «métodos de sugestão», aquilo que aparentemente tem em mente não são as formas mais suaves de hipnose, mas antes a «terapia» de tortura praticada vezes sem conta durante a guerra: os choques elétricos<sup>76</sup>. Quer tenha sido Forster ou um outro a aplicar a terapia, tudo leva a crer que este tratamento de medicina militar por que Hitler passou terá influenciado decisivamente a sua vida desse momento em diante, como se o tratamento se tivesse tornado um motivo latente para a sua luta ideológica contra todo o tipo de doença, fraqueza, debilidade e, em particular, contra a «ameaça de contágio» que, supostamente, os Judeus constituíam para os Alemães<sup>77</sup>.

A conceção quase médica dos ideogramas do Nacional-Socialismo<sup>78</sup> – higiene racial, eutanásia, experiências com seres humanos, esterilização forçada – leva, assim, possivelmente a marca de Pasewalk. A tão conhecida quanto mal afamada frase «Quanto a mim, decidi dedicar-me à política» encontra-se, em *Mein Kampf*, decerto que não por acaso, no final do capítulo sobre a cegueira<sup>79</sup>.

Seja como for, Ernst Weiß representou os primórdios da história do *Führer*, ou antes, de uma figura romanesca que pode assemelhar-se ao *Führer*, de uma forma tão irritante quanto fascinante. Ainda que possa parecer que, com a hipnose de P., ele contribuiu para a demonização do ditador ou reduziu o «fascismo» à «luta expressionista entre Deus e Contra-Deus»<sup>80</sup>, há que sublinhar que Weiß está visivelmente menos interessado numa reflexão historiográfica adequada a um acontecimento político por que passou dolorosamente do que numa experiência literária: a tentativa de traçar a génese de um ditador (ficcional) a partir do contexto médico-experimental da Grande Guerra – e, no decurso deste jogo macabro, de atribuir à figura fáustico-médica do *Doppelgänger*, que inicialmente é quem detém o poder, o lugar de impotente, *i.e.*, daquele a quem o meio, tal como acontece com o aprendiz de mago de Goethe, escapa inexoravelmente. Neste sentido,

trata-se de facto da génese de um *Führer*, mas também, e talvez sobretudo, da génese de um *movimento* político a partir de uma rede de discursos, a partir de um cruzamento epistemológico, de razão de guerra e de *hybris*<sup>81</sup>. Contudo, e apesar da sofisticação estrutural do texto, sentimos o carácter esquemático, de esboço, deste livro. Weiß não teve muito tempo para terminar e rever o manuscrito, o prazo de entrega aproximava-se, e ele escrevia para salvar a vida<sup>82</sup>. Neste sentido, não é de surpreender que se lhe colocassem «dificuldades insuperáveis» – foi assim que o explicou a Stefan Zweig, poucos meses antes do seu suicídio: «Como podemos representar eficazmente um *golem*, quando ele nos tem presos pelos dentes?»<sup>83</sup>

[tradução de Ana Margarida Abrantes]

## NOTAS

1. Ernst Kretschmer, *Geniale Menschen*, Berlim, 1931, p. 20.
2. Adolf Hitler, *Mein Kampf*, Zwei Bände in einem Band, Munique, 1941 (Edição 621-625), p. 223.
3. Ernst Weiß, *Der Augenzeuge*, Roman, Frankfurt, 2000, p. 140. De ora em diante, as citações da obra serão assinaladas, neste texto, apenas com o número da página.
4. O narrador joga com os vários níveis linguísticos e semânticos do conceito: antes de mais, observa-se uma duplicação fonética, já que, nas duas partes da palavra composta, há um ditongo acrescido de –ge que cria um efeito aliterativo: Au/ge, Zeu/ge. A duplicação repete-se no conteúdo, no nível figurativo, quando a «testemunha ocular» [Augenzeuge], um oficial médico, se reconhece parcialmente no cego que hipnotiza. A isto acresce ainda o jogo com a componente «testemunha» [Zeuge], um conceito que é normalmente entendido em sentido passivo (alguém testemunha um acontecimento causado por outrem), que, porém, como adiante veremos, ganha, no texto, uma componente ativa e criadora. [N.T.: O segundo elemento da palavra composta «Augenzeuge» convida a duas interpretações: *Zeuge*, n., «testemunha» e *zeugen*, v., «criar», «gerar».]
5. Mesmo se, antes de 1914, o valor do testemunho ocular fora posto em causa, sobretudo por parte da psicologia, «com o início da guerra» ele volta a estar «no centro do interesse» ([http://www.erster-weltkrieg.clio-online.de/\\_Rainbow/documents/Augenzeugen/ulrich1.pdf](http://www.erster-weltkrieg.clio-online.de/_Rainbow/documents/Augenzeugen/ulrich1.pdf) [p. 26]), parecendo a fotografia e o filme inicialmente confirmar e apoiar este interesse (*ibid.*, p. 32 e ss.).
6. Isidoro de Sevilha, *Etymologicae* I, xLI, 1, cit. por Hannes Kästner: «Der zweifelnde Abt und die Mirabilia Descripta. Buchwissen, Erfahrung und Inspiration in den Reiseversionen der Brandan-Legende», in: Xenja von Ertzdorff e Dieter Neukirch (eds.), *Reisen und Reiseliteratur im Mittelalter und in der Frühen Neuzeit. Vorträge eines interdisziplinären Symposiums vom 3.-8. Juni 1991 an der Justus-Liebig-Universität Gießen*, Amsterdão-Atlanta, 1992, pp. 389-416, em particular p. 402.
7. Entre os passos mais conhecidos do Novo Testamento conta-se o seguinte, que se refere ao descrente Tomé: «Porque Me viste, acreditaste; felizes os que acreditam sem terem visto» (Jo. 20, 29). Cf. Detlev Dormeyer: «Augenzeugenschaft, Geschichtsschreibung, Biographie, Autobiographie und Evangelien in der Antike», in: J. Schröter, A. Edelbüttel (eds.), *Konstruktion von Wirklichkeit: Beitrag aus geschichtstheoretischer, philosophischer und theologischer Perspektive*, Berlim, 2004, pp. 237-261.
8. Sibylle Schmidt e Ramon Voges, «Einleitung», in: Sibylle Schmidt, Sybille Krämer e Ramon Voges (eds.), *Politik der Zeugenschaft: Zur Kritik einer Wissenspraxis*, Bielefeld, 2010, pp. 7-22, em particular p. 11.
9. Bernhard Horstmann, *Hitler in Pasewalk: Die Hypnose und ihre Folgen*, Düsseldorf, 2004, p. 169. Sem oferecer provas credíveis, Horstmann fala de indícios «conclusivos» de que «a Forster teria não apenas sido imposto o suicídio pelos oficiais dos serviços secretos como também lhe teria sido dada a arma de fogo necessária para o concretizar» (p. 245).
10. De acordo com Rudolph Binion, a «terapia de Hitler levada a cabo por Forster [...] terá chegado via Café Royal até ao romance de Ernst Weiß, *Der Augenzeuge*»; o herói de Weiß terá «um “carácter verdadeiramente forsteriano”» (Rudolph Binion, «...dass ihr mich gefunden habt». *Hitler und die Deutschen: eine Psychohistorie*, trad. Jürgen Abel und Annelise Dengler, Estugarda, 1978, p. 28).
11. Veja-se, a este propósito, o recente artigo de Norman Ächtler, «Hitler's Hysteria: War Neurosis and Mass Psychology in Ernst Weiß's *Der Augenzeuge*», in: *The German Quarterly* 80 (2007), pp. 325-349. Por seu lado, Rudolf Olden afirma: «A cegueira pode ter estado sempre relacionada

- com a intoxicação por gás – certo é que Hitler estava psicologicamente abalado, confuso» (Rudolf Olden: *Hitler*, Amsterdão, 1935, p. 62); Olden considera a autorrepresentação de Hitler em *Mein Kampf* pouco credível. Tratara-se, neste contexto, «de uma cegueira histérica, que, tal como os tremores neuróticos, não era rara no final da guerra [...]» (*ibid.*, p. 60 e ss.). Tal como o livro de Olden, também a obra de Konrad Heiden, *Adolf Hitler* (2 vols., Zurique, 1936), publicada «um ano após a edição do livro de Olden [...], representa uma outra obra biográfica que Weiß certamente consultou» (Norman Ächtler, «Kriegstrauma und Massenpsychologie. Ernst Weiß' *Der Augenzeuge* und das Phänomen Hitler», in: *Krieg und Literatur / War and Literature. Internationales Jahrbuch zur Kriegs- und Antikriegsliteraturerforschung / International Yearbook of War and Anti-War Literature*, Vol. XIII [2007], pp. 23-47, em particular p. 26). Acerca da influência das duas biografias no romance de Weiß, veja-se também Aurelia Zanetti, «Eine Quelle des Augenzeugen und eine literarische Rehabilitierung», in: *Weiß-Blätter* N.F. 7 (1987), pp. 7-13.
12. O relatório tem o título *Adolf Hitler's Blindness: A psychological Study*, National Archives of the USA, Military Reference Branch, Office of Naval Operations Intelligence Report (Doc. Nr. 31963) from 21 March 1943. John Toland usa este relatório como base para muitos dos seus argumentos: John Toland, *Adolf Hitler*, trad. Uwe Bahnsen *et al.*, Bergisch-Gladbach, 1977 (Orig.: Nova Iorque, 1976). Também David Post se refere amplamente a este texto: David Edward Post, «The Hypnosis of Adolf Hitler», in: *Journal of Forensic Science* 43 (1998), pp. 1127-1132.
  13. A versão alemã do relatório, redigida em 1943 pelos serviços secretos da marinha norte-americana para o OSS (Office of Strategic Services), foi impressa pela primeira vez em Horstmann, *Hitler in Pasewalk* (nota 9), pp. 26-31. O relatório baseia-se nas declarações do Dr. Karl Kroners, um neurologista judeu de Viena, que emigrara para a Islândia, onde, no início da década de 40, tinha um consultório (*ibid.*, p. 24); de acordo com Horstmann, Kroner terá estado em Pasewalk por altura do tratamento de Hitler, tendo participado nos exames ao soldado cego (p. 31 e ss.).
  14. Binion, «...dass ihr mich gefunden habt» (nota 10); Robert G. L. Waite, *The Psychopathic God. Adolf Hitler*, Nova Iorque, 1977.
  15. O episódio de Paris remonta, por um lado, a Leopold Schwarzschild, o redator-chefe de *Neues Tagebuch*, o jornal para emigrantes alemães; por outro, a Walter Mehring que, em 1964, recorda «aquele terrível episódio do exílio» quando o psiquiatra Edmund Forster «revelou no Café Royal [...] os relatórios fatídicos do hospital militar de Pasewalk aos colaboradores do *Neues Tagebuch*: Leopold Schwarzschild, Joseph Roth, Ernst Weiß e a mim próprio, num ato de grande traição» (Franz Mehring, *Die verlorene Bibliothek*, Munique, edição revista, 1964, p. 248). Rudolph Binion é um dos primeiros a apresentar uma visão de conjunto dos acontecimentos e a considerá-los credíveis. De acordo com uma posterior comunicação oral de Mehring, Forster terá «passado três dias neste círculo e terá dado a Schwarzschild duas cópias do “relatório médico” de Pasewalk para que fossem guardadas em segurança» (Binion, «...dass ihr mich gefunden habt» [nota 10], p. 25).
  16. Post, *Hypnosis* (nota 12). Post diagnostica em Hitler, neste sentido, «a histrionic or borderline personality disorder», com sintomas somáticos como «blindness», e, depois de recorrer pormenorizadamente ao romance de Weiß, considera provável que Hitler tivesse sido sujeito a uma terapia por «Hypnosis» (*ibid.*, p. 1130 e ss.).
  17. Manfred Koch-Hillebrecht, *Hitler. Ein Sohn des Krieges – Fronterlebnis und Weltbild*, Munique, 2003, pp. 250-260, sendo que aqui a hipnose tem menos destaque do que o choque e a sugestão; David Lewis, *The Man who invented Hitler: The Making of the Führer*, Londres, 2003. Lewis procura fugir à acusação não inverosímil de que transforma Forster num terapeuta brando e favorável à hipnose ao apresentar Hitler como um caso extraordinário: um histérico que não queria fugir

- à guerra (a alegação frequente de Forster), mas antes ansiava por voltar para a Frente. Isto teria levado Forster a recorrer a uma terapia alternativa (p. 255 e ss.).
18. Gerhard Köpf, «Hitlers psychogene Erblindung. Geschichte einer Krankenakte», in: *Nervenheilkunde* 24 (2005), pp. 783-790, em particular p. 783; Franziska Lamott, «Trauma ohne Unbewusstes? Anmerkung zur Inflation eines Begriffs», in: Michael B. Buchholz u. Günter Götde (eds.), *Das Unbewusste in der Praxis. Erfahrungen verschiedener Professionen*, vol. 3, Gießen, 2006, pp. 587-609.
  19. Horstmann, *Hitler in Pasewalk* (nota 9), pp. 114-138. Relativamente à tese de Horstmann de que Hitler não teria acordado da hipnose, esta baseia-se no parecer da psicóloga Heidi Baitinger (Heidi Baitinger, «Hitlers Hypnose. Prinzipien und Techniken der Hypnosebehandlung Dr. Forsters mit Adolf Hitler – Psychologische Expertise», in: Horstmann, *Hitler in Pasewalk* [nota 9], pp. 99-113), um parecer que, de resto, não se refere a factos historicamente validados, o que não deixa de ser interessante, mas remete para a cena correspondente em *Der Augenzeuge* de Ernst Weiß, identificando assim o narrador autodiegético com Forster. Segundo esta leitura, Hitler teria «permanecido sob o efeito da hipnose» durante toda a vida (*ibid.*, p. 111); a sua posterior «postura rígida», o seu «olhar [...] de fanático» e o seu «braço cataléptico» erguido em saudação poderiam ser interpretados, segundo Baitinger, como «expressão de um transe persistente» (*ibid.*, p. 112). Certas afirmações de Hitler, como a de que seguiria o seu percurso «com a precisão e a certeza de um sonâmbulo», parecem adequar-se extraordinariamente bem a esta hipótese aventurosa (*ibid.*).
  20. Jan Armbruster tem publicado amiúde sobre este tema. O seu pequeno contributo intitulado «Behandlung Hitlers im Lazarett Pasewalk» [Tratamento de Hitler no Hospital Militar de Pasewalk] é um dos textos mais sólidos que podem ler-se atualmente acerca do tema: Jan Armbruster, «Die Behandlung Adolf Hitlers im Lazarett Pasewalk 1928: Historische Mythenbildung durch einseitige bzw. spekulative Pathographie», in: *Journal für Neurologie, Neurochirurgie und Psychiatrie* 10 (2009), pp. 18-22. Armbruster investiga mais extensivamente o tema na monografia *Edmund Robert Forster (1878-1933): Lebensweg und Werk eines deutschen Neuropsychiaters* (Abhandlungen zur Geschichte der Medizin und der Naturwissenschaften, 102), Husum, 2005, cf. em particular pp. 85-98.
  21. Ächtler, *Kriegstrauma und Massenpsychologie* (nota 11), p. 24.
  22. Joachim Fest, por exemplo, bem como Werner Maser, parte da hipótese de cegueira causada por gás mostarda e refere apenas brevemente a «suposição» de que a cegueira teria sido eventualmente, «pelo menos em parte, de natureza histórica»: Joachim C. Fest, *Hitler: Eine Biographie*, Frankfurt-Berlim-Viena, 1973, p. 114 e ss.; Kershaw refere apenas a «cegueira temporária» de Hitler, prescindindo de considerações médicas mais exatas, e crê que até hoje «não foi possível esclarecer definitivamente que papel terá tido a estadia no hospital militar em Pasewalk na formação da ideologia de Hitler [...]»: Ian Kershaw, *Hitler 1889-1936*, trad. Jürgen P. Krause und Jörg W. Rademacher, Estugarda, 1998 (2.ª ed.) [Orig.: Londres, 1998], p. 143; Haffner, por seu turno, refere a «experiência do despertar» de Hitler em novembro de 1918, embora não mencione de todo a cegueira: Sebastian Haffner, *Anmerkungen zu Hitler*, Munique, 1978, p. 19.
  23. «A cegueira de Hitler não era de natureza física mas psicossomática», afirma Thomas Weber no seu muito bem-sucedido livro *Hitlers erster Krieg*, uma vez que a «quantidade de gás mostarda» a que teria estado exposto seria insuficiente para o obrigar a uma terapia prolongada no hospital militar; a alegação de que teria sido submetido a «tratamento» por «transe hipnótico» devia ser remetida para o domínio da especulação. Thomas Weber, *Hitlers erster Krieg. Der Gefreite Hitler im Weltkrieg – Mythos und Wahrheit*, trad. Stephan Gebauer, Berlim 2012 [Orig.: Oxford-Nova

- lorque, 2010], p. 294 e ss. Menos controverso é, de acordo com o testemunho oral da mulher de Forster ao filho mais velho, que Forster tenha examinado uma vez Hitler nos anos da Grande Guerra e o tenha «caracterizado como histérico»: Armbruster, *Edmund Forster* (nota 21), p. 98.
24. Sobre as etapas biográficas, *vide* Peter Engel, «Ernst Weiß – eine Skizze von Leben und Werk», *in: Text und Kritik* 76 (1982), pp. 13-19.
  25. Sobre os médicos que eram também autores expressionistas, cf. Ingrid Kästner, «Das Weltkriegs-erlebnis in der expressionistischen Dichtung von Ärzten», *in: Wolfgang U. Eckart u. Christoph Gradmann (eds.), Die Medizin und der Erste Weltkrieg* (Neuere Medizin- und Wissenschaftsgeschichte. Quellen und Studien, 3), Pfaffenweiler, 1996, pp. 57-69.
  26. Veja-se a este respeito, entre outros, Margarita Pazi, *Ernst Weiß: Schicksal und Werk eines jüdischen mitteleuropäischen Autors in der ersten Hälfte des 20. Jahrhunderts*, Frankfurt et al., 1993, pp. 111-113.
  27. Engel, *Ernst Weiß – eine Skizze* (nota 24), p. 18. Sobre as diversas edições, traduções e ecos da crítica, cf.: Thomas Delfmann, *Ernst Weiß: Existentialistisches Heldentum und Mythos des Unabwendbaren* (Münstersche Beiträge zur Deutschen und Nordischen Philologie, 7), Münster, 1989, p. 143.
  28. Por exemplo, cf. Wolfgang Müller-Funk, «Diagnostik mit literarischen Mitteln. Ernst Weiß, *Der Augenzeuge*», *in: Komplex Österreich. Fragmente zu einer Geschichte der modernen österreichischen Literatur*, Viena, 2009, pp. 323-340, em particular p. 327.
  29. Veja-se a este respeito sobretudo a análise multifacetada de Sabine Adler, *Vom «Roman expérimental» zur Problematik des wissenschaftlichen Experiments: Untersuchungen zum literarischen Werk von Ernst Weiß*, Frankfurt et al., 1988.
  30. Ernst Weiß, *Georg Letham: Arzt und Mörder* (Gesammelte Werke, Bd. 10, hg. von Peter Engel und Volker Michels), Frankfurt, 1982, p. 26.
  31. Weiß, *Georg Letham* (nota 30), p. 24.
  32. Michel Foucault, *Die Geburt der Klinik. Eine Archäologie des ärztlichen Blicks*, trad. Walter Seitter, Frankfurt, 1988 [Orig.: *Naissance de la Clinique*, Paris, 1963], p. 68.
  33. Ernst Weiß, *Die Galeere* (Gesammelte Werke, Bd. 1, hg. von Peter Engel und Volker Michels), Frankfurt, 1982, p. 15.
  34. Sobre a muito referida «diferença entre experiência e relato» e o conexo «problema da representação», veja-se Jan Christoph Meister, «Sprachloser Augenzeuge: Geschichte, Diskurs und Narration in Ernst Weiß' Hitler-Roman *Der Augenzeuge*», *in: Peter Engel und Hans-Harald Müller (eds.), Ernst Weiß – Seelenanalytiker von europäischen Rang. Beiträge zum Ersten Internationalen Ernst-Weiß-Symposium aus Anlass des 50. Todestages*, Hamburgo, 1990, Berna et al., 1992, pp. 292-304, em particular p. 299 e ss.
  35. Cf. Meister, *Sprachloser Augenzeuge* (nota 34), p. 302.
  36. Tom Kindt, *Unzuverlässiges Erzählen und literarische Moderne: Eine Untersuchung der Romane von Ernst Weiß*, Tübingen, 2008, p. 211.
  37. Janusz Golec, «Von der Individual- zur Massenhypnose. Ernst Weiß' Roman *Der Augenzeuge*», *in: Peter Engel und Hans-Harald Müller (eds.), Ernst Weiß – Seelenanalytiker von europäischen Rang. Beiträge zum Ersten Internationalen Ernst-Weiß-Symposium aus Anlass des 50. Todestages*, Hamburgo, 1990, Berna et al., 1992, pp. 284-291, em particular p. 287 e ss.
  38. *Ibid.*, p. 287.
  39. Franz Haas, *Der Dichter von der traurigen Gestalt. Zu Leben und Werk von Ernst Weiß*, Frankfurt-Berna-Nova Iorque, 1986, p. 255 e ss.

40. É esta, atualmente, a *communis opinio* da investigação: Manuel Streuter, *Das Medizinische im Werk von Ernst Weiß* (Studien zur Medizin-, Kunst- und Literaturgeschichte, 24), Herzogenrath, 1990, p. 18 e ss.
41. Paul Lerner, *Hysterical Men: War, Psychiatry, and the Politics of Trauma in Germany, 1890-1930*, Ithaca-Londres, 2003, p. 28.
42. Armbruster, *Edmund Robert Forster* (nota 20), p. 148.
43. Hans-Georg Hofer, «Effizienzsteigerung und Affektdisziplin. Zum Verhältnis von Kriegspsychiatrie, Medizin und Moderne», in: Petra Ernst, Sabine A. Haring e Werner Suppanz (eds.), *Aggression und Katharsis: Der Erste Weltkrieg im Diskurs der Moderne*, Viena, 2004, pp. 219-242, em particular p. 224.
44. *Ibid.*, p. 221 e ss.
45. Lerner, *Hysterical Men* (nota 41), p. 71.
46. Armbruster, *Edmund Robert Forster* (nota 20), p. 149.
47. Lerner, *Hysterical Men* (nota 41), pp. 102-123.
48. *Ibid.*, p. 93.
49. Sigmund Freud, «Gutachten über die elektrische Behandlung der Kriegsneurotiker», in: Kurt Eissler (ed.), *Freud und Wagner-Jauregg vor der Kommission zur Erhebung militärischer Pflichtverletzungen*, Viena, 1979, pp. 31-34, em particular p. 32 e ss.; *apud* Ächtler, *Kriegstrauma* (nota 11), p. 30 e ss.
50. Veja-se ainda Esther Fischer-Homberger, *Die traumatische Neurose: Vom somatischen zum sozialen Leiden*, Berna-Estugarda-Viena, 1975, p. 59.
51. Hofer, *Effizienzsteigerung* (nota 43), p. 234 e ss.
52. Weiß, *Georg Letham* (nota 30), p. 477.
53. Hitler, *Mein Kampf* (nota 2), p. 223.
54. Sobre «relação» e «sugestão», veja-se Baitinger, *Hitlers Hypnose* (nota 19), p. 100 e ss.
55. Milton H. Erickson e Ernest L. Rossi, «Varianten der Doppelbindung», in: Ernest L. Rossi (ed.), *Gesammelte Schriften von Milton H. Erickson*, Vol. II: *Indirekte Suggestion und Gefahren der Hypnose*, Heidelberg, 1996, pp. 52-75.
56. Michel Neyraut, *Die Übertragung. Eine psychoanalytische Studie*, trad. Eva Moldenhauer [Orig.: Paris, 1974], Frankfurt, 1976, p. 177.
57. Neyraut fala do «primado da contratransferência» (*Die Übertragung* [nota 56], p. 15), do «envolvimento» do analista, que se reconhece «subitamente como o objeto e até talvez já como o causador das alterações afetivas por parte do paciente [...]» (*ibid.*, p. 18).
58. Sigmund Freud, *Massenpsychologie und Ich-Analyse*, Leipzig-Viena-Zurique, 1921, p. 84 e ss.
59. Mais correto será falar-se de «sugestões indiretas»: Baitinger, *Hitlers Hypnose* (nota 19), p. 101; veja-se ainda Milton H. Erickson e Ernest L. Rossi, «Indirekte Suggestionenformen», in: Ernest L. Rossi (ed.), *Gesammelte Schriften von Milton H. Erickson*, Vol. II: *Indirekte Suggestion und Gefahren der Hypnose*, Heidelberg, 1996, pp. 105-138.
60. Robert Stockhammer, *Zaubertexte: Die Wiederkehr der Magie und die Literatur 1880-1945*, Berlin, 2000, p. 86.
61. *Ibid.*, p. 86: «O médico torna-se assim “testemunha ocular” [Augenzeuge] de forma surpreendentemente literal: ele cria (*zeugt*) a visão (*Augenlicht*) de A.H.»
62. Ludolf Herbst defende esta tese em *Hitlers Charisma: Die Erfindung eines deutschen Messias*, Frankfurt, 2011. Hitler teria inventado, em conjunto com um pequeno círculo de pessoas da sua confiança, «a lenda do Führer carismático», a fim de «manipular a favor do NSDAP (o Partido

- Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães) as expectativas messiânicas das pessoas numa Alemanha abalada por crises no período entre guerras» (p. 14); Herbst não se debruça, nesta obra, sobre as consequências do «carisma pessoal» de Hitler a que tantas vezes se faz referência.
63. O «efeito hipnótico sobre as massas» terá sido «o primeiro, e durante muito tempo o único, capital político de Hitler», escreve Haffner, *Anmerkungen* (nota 22), p. 23.
  64. Veja-se mais recentemente a este respeito por exemplo: Michael Gamper, *Masse lesen, Masse schreiben. Eine Diskurs- und Imaginationsgeschichte der Menschenmenge 1765-1930*, Munique, 2007; Thomas Bruderermann, *Massenpsychologie. Psychologische Ansteckung, Kollektive Dynamiken, Simulationsmodelle*, Viena-Nova Iorque, 2010; Serge Moscovici, *Das Zeitalter der Massen: Eine historische Abhandlung über die Massenpsychologie*, Frankfurt, 1986.
  65. Para um aprofundamento do conceito de cegueira carismática e demoníaca e respetivos exemplos, veja-se Harry Merkle, *Die künstlichen Blinden: Blinde Figuren in Texten sehender Autoren* (Epistematologia, 290), Würzburg, 200, sobretudo os capítulos 3 e 4.
  66. Pater Utz fala da «cura do cego» como «cena primordial do Iluminismo»: *Das Auge und das Ohr im Text: Literarische Sinneswahrnehmung in der Goethezeit*, Munique, 1990, p. 31. Gostaria de expressar aqui o meu reconhecimento a Peter Utz pelas valiosas indicações sobre o *topos* da cegueira.
  67. As citações de *L'Homme machine* de La Mettrie e do prefácio a *Die Welt als Wille und Vorstellung* de Schopenhauer encontram-se em Merkle, *Die künstlichen Blinden* (nota 65), p. 43 e ss.
  68. Utz, *Das Auge und das Ohr* (nota 66), p. 31. «Porque só com o triunfo da luz discursiva sobre a cegueira é que o Iluminismo estaria concluído», escreve Utz noutro lugar, «o *Siècle des Lumières* pretende devolver a sua luz precisamente àqueles a quem falta de modo mais evidente», Peter Utz: «“Es werde Licht!” – Die Blindheit als Schatten der Aufklärung bei Diderot und Hölderlin», in: Hans-Jürgen Schings (ed.), *Der Ganze Mensch: Anthropologie und Literatur in der späten Aufklärung. DFG-Symposium 1992*, Estugarda, 1994, pp. 371-389, em particular p. 371.
  69. Acerca dos conceitos de «narrativa» nos romances de Weiß narrados na primeira pessoa, veja-se: Kindt, *Unzuverlässiges Erzählen* (nota 36), p. 213.
  70. Frithjof Trapp, «Die Greuel der verletzten Psyche als Greuel der politischen Realität – Ernst Weiß: *Der Augenzeuge*», in: *Exil 2* (1984), pp. 17-37, em particular p. 21.
  71. Sobre os paralelismos entre as personagens, veja-se sobretudo o ensaio de Trapp, «Die Greuel» (nota 70); também Hartmut Berke salienta, a este respeito, a «conceção inteiramente plausível da existência do duplo», sobretudo no que se refere ao antissemitismo: Hartmut Berke, «Zur Erinnerungsarbeit in *Der Augenzeuge* von Ernst Weiß. Bemerkungen zum verdrängten Antisemitismus und jüdischen Selbsthaß des Erzählers», in: *Cahiers d'Études Germaniques: Écritures de la mémoire* 29 (1995), pp. 39-47, em particular p. 42 e ss.
  72. Hitler, *Mein Kampf* (nota 2), p. 223. Sobre este passo, veja-se também Koch-Hillebrecht, *Hitler* (nota 17), p. 252 e ss.
  73. Armbruster, *Edmund Robert Forster* (nota 20), p. 161.
  74. Koch-Hillebrecht, *Hitler* (nota 17), p. 255.
  75. Edmund Forster, «Hysterische Reaktion und Simulation», in: *Monatsschrift für Psychologie und Neurologie* 42 (1917), pp. 298-324, 370-381; em particular p. 317.
  76. Acerca das publicações científicas de Forster a este respeito, veja-se Armbruster, *Edmund Robert Forster* (nota 20), pp. 159-174, em particular p. 169 e ss.; cf. também a respeito de Weiß, Ächtler, *Hitler's Hysteria* (nota 11), p. 331 e ss.
  77. Neste sentido argumenta também Koch-Hillebrecht (*Hitler* [nota 17], p. 256) quando escreve:

«A influência médico-militar a que Hitler foi submetido em Pasewalk foi profunda e moldou o seu carácter e a sua visão do mundo».

78. Cf. a este respeito o texto recente: Robert Jütte, Wolfgang U. Eckart, Hans-Walter Schmuhl e Winfried Süß (eds.), *Medizin und Nationalsozialismus: Bilanz und Perspektiven der Forschung*, Göttingen, 2011. «A Primeira Guerra, com as suas terríveis perdas de vidas humanas» terá estado na origem, lê-se nesta obra, «do êxito da higiene racial»: Hans Walter Schmuhl, «Eugenik und Rassenanthropologie», *ibid.*, pp. 24-38, em particular p. 27.
79. Hitler, *Mein Kampf* (nota 2), p. 225.
80. Haas, *Dichter von der traurigen Gestalt* (nota 39), p. 244. Haas lança um olhar fundamentalmente crítico sobre *Der Augenzeuge*, sobretudo porque nele o Nacional-Socialismo surge como «obra de um psicopata demoníaco» (*ibid.*).
81. «Toda a classe intelectual alemã» criou «o seu *Führer* com as próprias mãos», escreve Margherita Versari, não sem algum excesso: *Ernst Weiß – Individualität zwischen Vernunft und Irrationalismus. Ein Werk zwischen "Mythologie" und "Aufklärung"*, Frankfurt *et al.*, 1984, p. 110.
82. Em relação a Stefan Zweig, Weiß confessa ter escrito e enviado o texto «com uma rapidez vertiginosa», «sem sequer o ter lido até ao fim»: Peter Engel, posfácio, *in*: Weiß, *Augenzeuge* (nota 3), pp. 291-297, em particular p. 292.
83. Carta a Stefan Zweig de 2 de maio de 1939, *apud* Klaus-Peter Hinze, «Ernst Weiß' anderer "Augenzeuge"». Aus unveröffentlichten Briefen an Stefan Zweig», *in*: Peter Engel (ed.), *Ernst Weiß*, Frankfurt, 1982, pp. 270-283, em particular p. 280.